

Especialistas mundiais em construção e eficiência energética compartilham cases de bairros e prédios alinhados à sustentabilidade

Oportunidades para edifícios e cidades sustentáveis

Fotos Divulgação



Rubens Ricúpero: Críticas às políticas do passado, no evento que foi realizado em 13 de junho, no Sesc Pinheiros, em SP

Este mês, a seção *Experiência de Gestão* não traz as lições de apenas uma empresa, mas de alguns (muitos) países que contaram seus projetos no Simpósio Internacional de Construção Sustentável (Unep-SBCI), entidade ligada ao Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA ou Unep, em inglês).

A organização brasileira do simpósio é uma iniciativa conjunta do Conselho Brasileiro de Construção Sustentável (CBCS), com o Sindicato da Habitação (Secovi-SP), o Ministério das Cidades, a Secretaria da Habitação do Governo do Estado de São Paulo, a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Ur-

bano (CDHU) e a Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente (SVMA).

O encontro foi realizado em junho, na cidade de São Paulo, e teve como tema principal a “Eficiência no Uso de Recursos e Economia Verde: Oportunidades para Edifícios e Cidades Sustentáveis”. Na avaliação de Marcelo Takaoka, presidente do CBCS, o simpósio atingiu o objetivo principal: mostrar as oportunidades que o setor da construção pode criar com o ingresso na economia verde. “O setor continua fragmentado, sem uma conexão sistêmica. Junta pacotes que não se encaixam. O evento mostrou que as tecnologias estão à espera de uma integração”, afirmou.

CONSIDERAÇÕES VÁLIDAS

Um dos mais aguardados para falar no evento era o economista indiano radicado em Londres, Pavan Sukhdev, presidente e fundador da Corporation 20/20 – consultoria para empresas que pretendem deslocar os propósitos sociais “da periferia para o coração das organizações”. Para ele, a maioria das decisões econômicas está caminhando na direção contrária à sustentabilidade. “Governos e empresas precisam encorajar o investimento em economia verde. Todo o poder da criatividade humana precisa estar a serviço desse modelo econômico capaz de reduzir a disparidade entre ricos e pobres”, afirmou

o economista, que proferiu a palestra magna no período da manhã.

Outra presença de destaque foi de Stéphane Pouffary, diretor-presidente da ONG francesa *Energies 2050*, que acredita num “momento especial” para a humanidade. Para ele, a conferência pode ser uma rara oportunidade para redefinir um caminho mais seguro, igualitário e mais verde para todos nós. “Nosso próximo grande desafio será transformar conhecimento em ação para achar uma maneira de trazer o edifício e a cidade para o primeiro plano nesse processo de negociação”, diz.

Pouffary contempla a matriz energética mundial baseada em combustíveis fósseis como petróleo, gás e carvão. “O Brasil é uma exceção. Boa parte da população humana ou 2,4 bilhões de pessoas dependem de biomassa para atender às necessidades de energia para cozinhar ou se aquecer e 20% ou 1,3 bilhões de habitantes não têm acesso à eletricidade”, lembra. Em sua apresentação, falou de temas como as redes inteligentes para gerenciar a demanda,

a exemplo de como a energia economizada num edifício pode ser armazenada e voltar para a rede.

“As pesquisas que conduzo no Laboratório de Etnologia e Antropologia da Universidade de Nice Sophia Antipolis estão centradas na aceitação social da mudança. Isso inclui a maneira como cada um de nós encara a energia, o desenvolvimento sustentável e o ‘outro’”, explica Pouffary. Para a ONG, a solução não pode ser apenas técnica, econômica, política ou social, mas precisa estar num contexto de mudança dos padrões de consumo e produção. Como representante da *Energies 2050*, Pouffary pretende formalizar iniciativas que facilitem a implantação de tecnologias de energia renovável em favelas ao mesmo tempo em que contribuem para a erradicação da pobreza.

Segundo o relatório SRREN (*Special Report on Renewable Energy Sources and Climate Change-Mitigation*), divulgado pelo IPCC (*Intergovernmental Panel on Climate Change*), publicado em maio de 2011, até 2050, 80% do suprimento global de energia poderia advir de fontes renováveis. Por isso, alerta Pouffary, as ações dos países desenvolvidos ou em vias de, precisam contemplar um leque de ações: investimento maciço em energias renováveis, eficiência e uso racional. “Claro que cada país ou região tem um mix de fontes de energia disponíveis para ser desenvolvido para se encaixar numa política de longo prazo. Dependendo da modalidade e do tempo de implementação, a ênfase pode recair na moderação ou uso racional (consumo de energia apenas quando vai movimentar um serviço essencial), eficiência (com o uso de mecanismos e equipamentos) e limpeza (máximo de fontes

renováveis)”, conclui. Pavan Sukhdev também chegou a citar o exemplo de Singapura que conseguiu recuperar extensas áreas verdes da cidade-estado graças a uma “coalizão de atores”.

○ DRAMA DA URBANIZAÇÃO SELVAGEM

A maioria dos palestrantes chamou a atenção para problemas como a acelerada urbanização vivida por boa parte das cidades do mundo, a saúde, a criação de empregos com justiça social, a mitigação dos impactos, o risco que corre a biodiversidade, os ecossistemas e os recursos naturais, a geração de resíduos, a falta de mobilidade e as emissões de gases do efeito estufa.

Ang Kian Seng, diretor do BCA (*Building and Construction Authority*), um dos principais centros de pesquisa de construção sustentável no mundo, trouxe ao simpósio a experiência da rede internacional de países do sudeste asiático conectados em torno de iniciativas educacionais por produtos e edifícios sustentáveis. Até 2030, 80% das edificações de Singapura serão verdes. Segundo Kian Seng, os investidores de Singapura enxergam a sustentabilidade como um investimento, mas a cidade-estado ainda precisa intensificar o esforço para mudar a mentalidade local e criar um mercado de trabalhadores de “colarinho verde”.

Para Anne-Claire Freyd, diretora de Marketing da principal entidade de pesquisas sobre tecnologia da construção francesa, o CSTB (*Centre Scientifique et Technique du Bâtiment*), o mercado vai muito bem e não quer ouvir falar em crise. Os números falam sozinhos: 350 mil empresas, 3,4 milhões de empregos e 123 bilhões de euros de faturamento. Segundo Anne-Claire, a França avan-

Alguns dos principais desafios da América Latina:

- *Planejamento urbano e land management*
- *Adaptação e recovering aos desastres naturais*
- *Transporte e mobilidade em áreas urbanas*
- *Uso eficiente de água e energia*
- *Incentivos fiscais etc.*

çou na legislação e formulou metas robustas. Existem normas para o setor diminuir a emissão de gases e gastar menos energia; até 2020 toda a rede será inteligente; e o consumo térmico será regulado. Quase 800 prédios na França estão certificados como sustentáveis.

O outro francês presente ao simpósio, Stéphane Pouffary, falou sobre a situação da África. Como presidente da ONG *Energies 2050*, ele pesquisa esse setor há mais de 25 anos. Como boa parte das comunidades pobres da Terra, os africanos dependem da biomassa para atender as necessidades de energia na hora de cozinhar e o resto dos habitantes não têm acesso à eletricidade ou o acesso é crítico. A ausência de energia elétrica não cria apenas desconforto no interior das habitações, mas impede a difusão de conhecimentos ou informações. Para agravar a situação, aproximadamente 1,4 bilhão de africanos

viverão em cidades em 2050.

Com relação ao mercado de edifícios, um exemplo de iniciativa bem-sucedida foi apresentada por Gregory Kats, presidente da Capital E, consultoria especializada em energia limpa, dos Estados Unidos.

“Seja para ocupar, alugar ou vender, uma edificação não pode ser insalubre e ineficiente”, alegou Kats. Ele aloca financiamentos e monta estratégias para empresas ou entidades que queiram “esverdear” prédios por meio de retrofit, um negócio de US\$ 1 trilhão nos Estados Unidos. Segundo ele, esse tipo de recuperação imobiliária sustentável só é possível por meio de *upgrades* de design integrados.

Ainda no âmbito do mercado imobiliário, no caso do Brasil, a proposta de José Goldemberg, organizador do livro “O Desafio da Sustentabilidade na Construção Civil”, é encaminhar uma

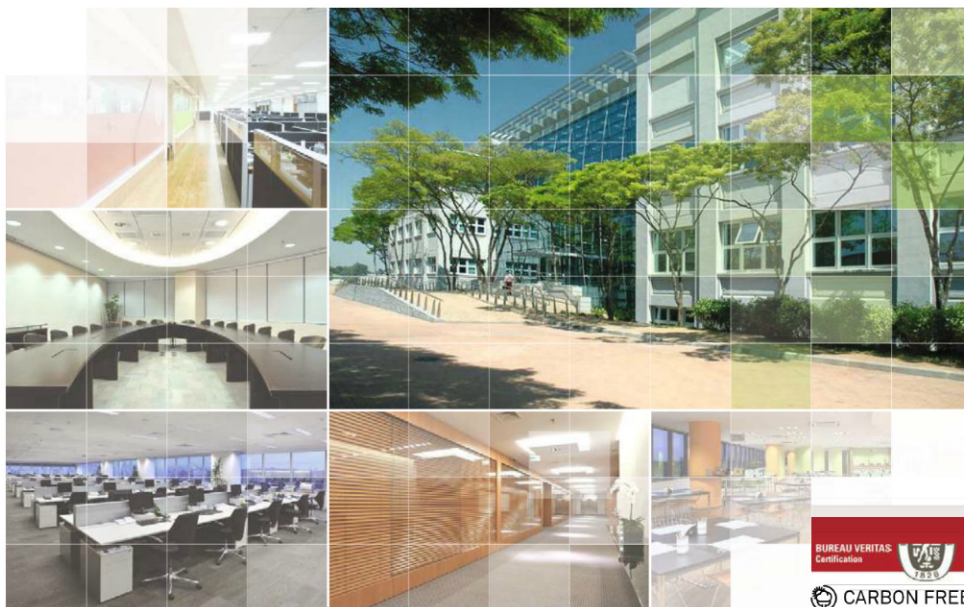
revisão urgente dos códigos de obras das cidades para incluir os instrumentos de política sustentável. Ocorre que muitos arquitetos e planejadores urbanos pensam as edificações, bairros e cidades de maneira sustentável, independentes das regulamentações regionais.

TECIDO RASGADO POR ABSURDOS

Aplaudido de pé pelo público presente no auditório do SESC Pinheiros, o ex-ministro da Fazenda, Rubens Ricúpero – que participou do capítulo 33 da agenda 21 da Eco-92 – criticou as políticas do passado. A insegurança dos carentes reproduz, segundo ele, a imagem de uma explosão demográfica que teve início na década de 1970 e acabou pesando sobre a infraestrutura urbana, “sem racionalidade, sem humanidade”. Agora entendido como um modelo superado pela matriz sustentável, o que Ricúpero chamou de “etapa selvagem da urbanização” gerou a realidade atual das periferias de 15 regiões metropolitanas “sem saneamento, sem mobilidade, sem transportes e sem um estoque de terrenos de baixo custo”. ■

DICA

Acesse o Portal INFRA e confira, na íntegra, o discurso de Rubens Ricúpero. E mais: os destaques da Rio+20



ECOWORKERS. O jeito sustentável de trabalhar da ACE.

A ACE Engenharia é hoje um time de *ecoworkers* que tem orgulho de estar a frente das mais importantes obras sustentáveis do país.

22 anos | Mais de 500.000 m² de obras
Mais de 40.000 m² com Certificação LEED
Latin American Quality Awards 2011

Em processo de obtenção da Certificação ISO 9001



Corporate Internal Architecture
Ecoworkers

SP +55 11 3026 4321 RJ +55 21 3852 2028

www.aceengenharia.com.br